



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ITAMARA MARIA HIRSCHHEITER**

**REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS PRÁTICAS**  
**PEDAGÓGICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**ERECHIM**  
**2017**

**ITAMARA MARIA HISRCHEITER**

**REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau de  
Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal  
da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Professora Esp. Magali Maria Johann

ERECHIM  
2017

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

Hirschheiter, Itamara Maria  
REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL./ Itamara Maria  
Hirschheiter. -- 2018.  
4 f.:il.

Orientadora: Magali Maria Johann.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
pedagogia , Erechim, RS , 2018.

1. Gênero; . 2. Educação;. 3. Práticas Pedagógicas;  
. 4. Ensino Fundamental;. I. Johann, Magali Maria,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ITAMARA MARIA HIRSCHHEITER

**REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Profª Esp. Magali Maria Johann

Aprovado em: 15 / 12 / 2017.

BANCA EXAMINADORA:

*Ivone Maria Mendes Silva*

Profª Drª Ivone Maria Mendes da Silva (UFFS/Erechim)

*Eliane Isabel Belani*

Profª Esp. Eliane Isabel Belani (SEED/PR)

*Magali Maria Johann*

Profª Esp. Magali Maria Johann (UFFS/Erechim)

Dedico a todos que lutam por uma educação de  
qualidade e que respeite as diferenças.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que de alguma maneira me ajudaram a concluir este trabalho. Principalmente a minha família que desde o início de minha caminhada acadêmica sempre me apoiaram e me auxiliaram a superar os obstáculos e me incentivaram nos momentos mais difíceis fazendo com que eu não desistisse e concluísse mais essa etapa de formação. E também agradeço as minhas colegas Elisiane Angélica Arsego Consorte, a Morgane Carraro e a Roseli Marisa Aschidamini que estiveram presentes durante toda a minha caminhada acadêmica, me auxiliando nos momentos difíceis e também estando presentes nos momentos felizes que marcaram a nossa caminhada.

Por último, a minha professora orientadora que esteve presente constantemente na construção e conclusão deste trabalho que marca a finalização de uma etapa acadêmica. Esse momento marcou a minha formação profissional e também como sujeito que busca compreender o outro e as situações antes de julgar o livro pela capa.

A educação sexual da criança e do adolescente começa na família, em parceria com as instituições escolares e a sociedade, buscando pensamentos, instigando ideias, aprimorando conhecimentos científicos, éticos e morais.

Maria de Fátima da Rocha Silva

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo inicial analisar como ocorre a relação das questões de gênero nas práticas em sala de aula na etapa do ensino fundamental e também pela busca de referenciais teóricos que apresentam definições e discussões sobre o tema. A metodologia desse trabalho é de cunho qualitativo. Conta-se com o referencial teórico e a análise da intervenção de estágio no ensino fundamental. Pela análise realizada pode-se perceber que as práticas vigentes no ambiente escolar estão carregadas de preconceitos, receios e julgamentos relacionados ao gênero e a educação. Percebe-se que a sociedade em que a escola está inserida, por sua vez, se constitui por uma base social segregada e de certo modo separatista interferindo no modo de pensar, agir e de educar o ser humano. Pode-se concluir também que ocorre um desconhecimento muito grande sobre o tema por parte dos professores. Percebe-se que as práticas vigentes nas escolas ainda reproduzem conceitos históricos, preconceitos sociais, desconhecimento e desinteresse dos professores. É importante o incentivo para a pesquisa sobre esse tema pois a formação de professores e as práticas pedagógicas vigentes na educação básica influenciam na formação dos sujeitos que estão inseridos nesse espaço.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gênero; Educação; Práticas Pedagógicas; Ensino Fundamental.

## LISTA DE IMAGENS

Foto 1 e 2: Disposição das crianças no pátio da escola.....	25
Foto 3 e 4: Fileiras dispostas no saguão antes da entrada dos alunos em sala de aula e no intervalo antes de retornar para a sala de aula.....	25
Foto 5, 6, 7: Atividade baú dos livros, construção da mandala e maquete.....	28
Foto 8: Pintura e finalização das mandalas.....	29
Foto 9: Administração municipal totalmente masculina.....	29
Foto 10: Protagonismo masculino na sociedade.....	30
Foto 11: Meu trajeto percorrido e construção da legenda.....	31
Foto 12, 13: Construção da mandala e interação entre meninos e meninas.....	32
Foto 14: Trabalho coletivo para a construção da maquete.....	33
Foto 15: Disposição dos estudantes durante a prática de estágio.....	33

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1	REFLEXÕES DE GÊNERO E SOCIEDADE .....	14
2.2	REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NA ESCOLA.....	15
<b>3</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA ESCOLA ESCOLHIDA PARA A PRÁTICA DE ESTÁGIO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>ANALISANDO A TEORIA NA PRÁTICA DE ESTÁGIO SOBRE A QUESTÃO DE GÊNERO.....</b>	<b>24</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho sobre gênero e educação é ainda um tema pouco debatido dentro das escolas. A visão que permeia dentro do ambiente da escolar e em sala de aula, baseia-se em um contexto histórico em que homens e mulheres tem papéis completamente diferentes. E aquelas ou aqueles que saem desses padrões constituídos historicamente em uma sociedade hierarquizada e cheia de preconceitos, são considerados anormais e sofrem discriminação diante da sociedade.

Diante do que foi trabalhado durante a minha caminhada acadêmica pode-se perceber que nos ambientes escolares existem bastante diferenças em que o que está sendo colocado no papel e as práticas vigentes nas escolas consideradas tradicionais relacionados ao tema pesquisado.

Nos documentos que regem a educação básica e as escolas pode-se encontrar o respeito as diferenças como uma das prioridades e estratégias de intervenção. Mas em contato com o contexto da prática verifica-se uma diferenciação por gênero, raça, etnia, bullying ou qualquer outro motivo que percebe-se latente no convívio em geral das escolas.

Segundo Louro (1999, p.6)

É de consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico.

Diante disso, o tema teve o intuito de discutir o porquê daquilo que presenciamos diariamente em uma sociedade cada vez mais diversificada, é ainda tratada de maneira tão banal em um espaço que é repleto de diferenças culturais, sociais, de credo, que é o ambiente escolar.

Durante o período acadêmico compreendemos que devemos respeitar o outro pois são nas diferenças que nos constituímos enquanto sujeitos. Na sociedade ninguém é igual a ninguém. A busca pelo respeito as diferenças é um processo histórico, em que cada contexto

social houve uma incessante busca pelo respeito e pelo espaço de ir e vir em meio a sociedade.

As concepções históricas partem de um processo que envolve toda a sociedade em sua constituição. A sociedade como parte de um todo e não somente de um sujeito específico que toma as decisões por si só. Sendo assim, as escolas também fazem parte de um contexto social e os estudantes trazem a carga de conhecimento constituído socialmente, culturalmente e fazem parte de uma sociedade em que a própria escola está inserida. Por conta disso, os espaços e as práticas educativas devem levar em consideração as diferenças e também o que o estudante já compreende enquanto sujeito.

Para debater sobre isso este trabalho de conclusão de curso na licenciatura em pedagogia apresenta o tema “**REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**”. Dentro deste tema tem-se como problemática “Como ocorre a relação das questões de gênero na teoria e nas práticas em sala de aula do ensino fundamental?”

Pensando nas diferenças entre a teoria e as práticas nas escolas este trabalho tem como objetivo perceber as principais divergências que podem ocorrer entre o que está sendo colocado teoricamente e nas práticas escolares do ensino fundamental, na percepção dos professores sobre o tema.

Dentro deste objetivo busca-se uma pequena contextualização histórica sobre o assunto para a melhor compreensão dos processos que nos levaram para a constituição social em que todos os sujeitos estão inseridos. Compreender como ocorre a diferenciação do gênero feminino e o masculino no contexto social. Observar como as questões de gênero são colocadas e trabalhadas no contexto escolar. Problematizar a relação do trabalho com a questão de gênero nas escolas com a construção sociocultural e acadêmica dos estudantes. Compreender como as questões de gênero influenciam no contexto da sala de aula e como elas são abordadas pelos educadores nesse mesmo ambiente.

Este trabalho estará dividido em seis capítulos. No primeiro capítulo estará a introdução em que será apresentado a pesquisa e como serão apresentados os resultados alcançados por meio da metodologia utilizada para chegar análises e conclusão.

No segundo capítulo será apresentado um referencial teórico em que estará uma breve contextualização histórica dos processos sociais sobre as questões de gênero em meio a

sociedade e também como ocorreu e ocorre essa mesma relação dentro dos espaços escolares em relação a teoria e as práticas vigentes. Para isto os autores como Scott (1995), Silva (2014), Felipe, Goellner e Louro (2013), Butler (1999), Sant'Anna (2013), que por meio de seus trabalhos tratam do tema que está sendo pesquisado. Este capítulo estará dividido em quatro subtítulos, e traz uma breve contextualização sobre o que os teóricos apresentam e conceituam sobre o tema e a relação com as práticas sobre as questões de gênero nos espaços escolares.

No terceiro capítulo será apresentada uma pequena contextualização da escola em que foi realizada a prática de estágio em que está embasado a pesquisa deste trabalho. Conta-se com a contextualização da escola pois a pesquisa que será realizada partirá do relatório de estágio no ensino fundamental nesta escola e na entrevista que foi realizada com alguns dos professores que dão aula para a turma analisada.

Para o quarto capítulo será colocada a metodologia de como ocorrerá a pesquisa para a conclusão deste trabalho. Será apresentado o tipo de pesquisa e de como ela funciona e o porquê deste método para a realização deste trabalho. O principal autor que embasa a metodologia é Bardin (2010) que trata em suas obras, dentre outros temas, sobre pesquisa qualitativa que é o método que foi utilizado para a pesquisa deste trabalho de conclusão de curso.

O capítulo seguinte começa apresentando os dados e os resultados da pesquisa realizada. Inicia-se com a apresentação da análise do relatório das práticas de estágio no ensino fundamental. Este capítulo apresenta no seu decorrer algumas práticas que estão presentes na questão de gênero e na relação de meninos e meninas no espaço escolar como um todo. Também analisa como ocorreu a relação e a interação de meninos e meninas durante o período de estágio dentro e fora da sala de aula e como acontecia esta relação durante as observações das práticas do estágio com os professores que ministram as aulas durante o período e ano letivo.

Na conclusão será feita a relação de tudo o que foi abordado nesta pesquisa e os resultados que podem ser encontrados em relação a teoria e a prática em sala de aula em relação as questões de gênero.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo será apresentado as discussões teóricas sobre gênero. Ele está dividido em subitens para entender melhor as nuances do tema em questão. É importante perceber a construção histórica, social e teórica sobre gênero e educação.

### 2.1 REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SOCIEDADE

Quando falamos sobre as questões de gênero não estamos nos referindo somente a questão de sexualidade, mas sim de uma construção social e histórica relacionada aos conceitos de feminino e masculino. Por isso que neste conceito não é atribuído um sentido único. Seu significado depende do contexto em que está inserido e também para o que se quer dar sentido.

Segundo Scott (1995, p. 72) o conceito de gênero:

Na utilização mais recente, o termo gênero parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que iriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseado no sexo. O termo “gênero” enfatiza igualmente o aspecto relacional as definições normativas da feminilidade.

O termo gênero surgiu por meio da necessidade de as mulheres se identificarem e se colocarem diante da sociedade predominantemente machista. Os professores precisam estar atentos aos significados passados aos estudantes quanto ao conceito de gênero pois os mesmos formam suas concepções de mundo de acordo com o que lhes é ensinado ou por meio do que vivenciam no seu dia-a-dia no ambiente social e escolar. Assim, Silva (2014, p.16), propõe que:

A sexualidade é algo definido pelos adultos e nesta não se permite que a criança fale pense ou sinta tudo o que ela deseja, mas determina o modo de meninos e meninas tratarem sua sexualidade. É importante explicar que a criança elabora suas próprias respostas e teorias para estas questões sexuais.

As práticas em sala de aula sugerem aos sujeitos as concepções e formação para a vida em sociedade. Desse modo, mesmo que inconscientemente pode-se formar sujeitos reprodutores de preconceitos constituídos historicamente. As práticas e o conceito de gênero são constituídos socialmente e podem ser mudados de acordo com a realidade dos sujeitos. Para que o preconceito e a segregação de gênero diminua, acredita-se que deve-se procurar modificar as práticas e formar sujeitos pensantes que construam novos significados diante destes conceitos impostos socialmente.

Por meio dos momentos históricos percebe-se a evidência do gênero masculino, colocando as mulheres como submissas aos homens. Desde as primeiras civilizações os homens eram considerados “superiores” ao gênero feminino, desempenhando funções importantes na sociedade tendo mais acesso aos direitos, principalmente em relação a educação. Pode-se perceber tal fato quando Louro e Goellner (2013, p.12) relatam que “ainda estamos muito familiarizados com o pressuposto de que o ‘lugar natural da mulher é o lar e sua função natural é cuidar da casa e da sua família’”. Desse modo, destaca-se a função da mulher e não há muitas outras alternativas para ela.

A partir dos anos de 1980 pode-se observar que começaram a surgir os movimentos feministas no Brasil. Louro e Goellner (2013, p.14) entendem por Feminista os movimentos sociais, com multiplicidade de vertentes políticas, femininas em busca da ampliação de seus direitos diante da sociedade. Essa luta feminista também pode ser entendida como uma exigência das mulheres pelos mesmos direitos ao voto, direito à educação, condições dignas de trabalho e exercício da docência. Assiste-se no cenário atual lutas feministas em função da inferioridade que as mulheres sofrem exercendo as mesmas funções que os homens e até com maior qualificação que os homens. Seus direitos e remunerações também costumam ser inferiores mesmo exercendo o mesmo cargo que os homens.

Os movimentos sociais e feministas, instituído no início do século XX buscavam o direito ao voto como também a concretização da democracia, onde os direitos deveriam ser garantidos para toda a população, principalmente o acesso ao ensino público e de qualidade. Nesse sentido, a escola buscava seu espaço e direito junto as lutas travadas por esses movimentos.

## 2.2 REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NA ESCOLA

Nas escolas os professores e professoras desenvolvem sua pedagogia e trabalho junto de seus educandos. Antigamente via-se a presença em grande massa de homem na Pedagogia, ou seja, no ensino fundamental. Atualmente assiste-se nesse cenário a presença maciça do gênero feminino, ou seja, de mulheres professoras. As autoras (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013) consideram essa presença feminina como justificativa de que seriam boas pelo fato de serem mães e serem capazes de gerar e cuidar de crianças por meio de seus instintos maternos.

[...] os estudos contemporâneos sobre o espaço escolar, as práticas pedagógicas que nele se desenvolvem bem como os estudos que se tem envolvido com as práticas pedagógicas culturais têm mostrado como estamos, em nossa sociedade, sempre operando a partir de uma identidade que é norma, que é aceita e legitimada e que se torna [...] quase invisível. (p.26)

As escolas vêm reproduzindo normas consideradas como normais ou naturais pela sociedade em relação ao gênero e sexualidade. Percebe-se que na prática não se procura desconstruir conceitos sobre o certo e errado em relação ao gênero feminino e gênero masculino.

Segundo Louro; Felipe e Goellner, (2013), as práticas revelam como prioridade a autoestima diante da sociedade e deixa em segundo plano a qualidade da educação e o respeito pelas diversidades. A tentativa de desconstruir os preconceitos e práticas ofensivas ao gênero, propõe um embate com a sociedade e pode provocar mudanças nas concepções de educação.

As autoras (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013) tratam sobre as relações do corpo feminino e masculino, demonstrando que os corpos femininos são colocados como frágeis e incapazes de exercer grandes esforços físicos. O corpo masculino por sua vez, é representado como macho e viril, capaz de superar obstáculos do dia a dia que as mulheres não suportariam.

O caminho é longo para tentar procurar mediações entre passado e presente, para identificar vestígios e rupturas, alargar olhares, desconstruir representações e desnaturalizar o

corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados em diferentes espaço e tempo.

O corpo, tal como a vida, está em constante mutação. As aparências físicas demonstram de modo exemplar esta tendência: elas nunca estão prontas, embora jamais estejam no rascunho. [...] Cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa a história. (SANT'ANNA apud LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2005, p.55)

O corpo não escapa da influência do tempo. A cultura e a ciência atualmente responsabilizam os indivíduos pelas próprias ações sobre o corpo. Hoje com uma maior proximidade de informações e a influência da mídia cada vez mais cedo, os jovens frequentam as academias e espaços de beleza em busca do belo. As escolas também exercem influência pois em contatos com as diferenças constituem um desejo por consumir produtos que a maioria das pessoas usam para se aproximar do que é considerado belo e popular.

A educação sexual (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013), deve questionar a questão de valoração do gênero, e como consequência as diferenças hierárquicas existentes na sociedade por conta da diferenciação de gênero. Percebe-se que as escolas não trabalham frequentemente com as questões de gênero e sexualidade, e quando abordam essas questões como por exemplo a homossexualidade, constituem como um problema que não são capazes de resolver. Preferem debater o que é considerado padrão e correto pela sociedade. Louro (2013, p. 20) aponta que

“a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico.”

Não se trata somente de refletir as questões de gênero, pois este é um tema que abrange diferentes grupos sociais e culturais. Afastar-se de alguns princípios historicamente constituídos pela sociedade em que vivemos causa preconceitos quanto as diferenças. Para desmistificá-los seria necessário que se repense o modo de ver o outro e as diferenças.

As questões de gênero estão sendo, na maioria das escolas tradicionais, banalizadas e muitas vezes ignoradas nos currículos escolares assim como no contexto de sala de aula pelos professores da educação básica. O apontamento se dá por Louro (2013, p. 7): “Já há algumas décadas o movimento feminista, o movimento negro e também os movimentos das chamadas minorias sexuais vêm denunciando a ausência de suas histórias, suas questões e suas práticas nos currículos escolares.”

As escolas mesmo tendo consciência da importância de se respeitar as diferenças e de trabalhar as questões para o cultivo do respeito, muitas vezes dão preferência aos conceitos constituídos historicamente por medo de que os métodos sejam questionados e passam a não ser adequados para exercer o ensino. Assim como as escolas, a sociedade surgiu em uma estruturação hierárquica em que as características do corpo definem as diferenças entre os sujeitos. Segundo Louro (2013, p. 9):

A questão deixa de ser, neste caso, a “identificação” das diferenças de gênero ou de sexualidade, percebidas como marcas que preexistem nos corpos dos sujeitos e que servem para classificá-los, e passa a ser uma questão de outra ordem: a indagação de como determinadas características são tomadas como definidoras de diferenças.

As diferenças são vivenciadas nas escolas a partir do momento em que há compreensão de que os sujeitos são inacabados e que sofrem a influência do meio em que estão inseridos e tenham consciência da constante transformação vivenciada por todos diariamente. Por meio dos preconceitos causados pelas diferenças a sociedade corrobora para a existência de desigualdades, marginalização e exclusão. As pessoas que sofrem tais preconceitos acabam em posições diminuídas diante dos outros e da sociedade em geral.

Baseado em contextos históricos Louro e Goellner (2013, p. 26) nos afirmam que:

[...] os estudos contemporâneos sobre o espaço escolar, as práticas pedagógicas que nele se desenvolvem bem como os estudos que se tem envolvido com as práticas pedagógicas culturais têm mostrado como estamos, em nossa sociedade, sempre operando a partir de uma identidade que é norma, que é aceita e legitimada e que se torna [...] quase invisível.

As escolas estão embasadas nos contextos históricos em que as mulheres na maioria das vezes foram consideradas inferiores ao gênero masculino como apresentado anteriormente. O que acontece de maneira diferente nas escolas contemporâneas, é que, o gênero feminino muitas vezes é considerado com maior capacidade de compreender e assimilar os conteúdos propostos. Butler apud. Louro (1999, p. 153) diz que “a diferença sexual (...) não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas”

Diante da sociedade os meninos são considerados mais agitados, fortes e ágeis. Quando se trata das meninas a sociedade as considera como mais frágeis e delicadas incapazes de exercer atividades que exigem mais força e agilidade.

A superioridade dos gêneros acontece na sua maioria quando no contexto da sala de aula os educadores selecionam e colocam as estudantes em lugares distintos. Um exemplo disso, é quando o professor separa-os entre os mais inteligentes e capazes de aprender e os menos inteligentes, ou a diferenciação entre a capacidade cognitiva do menino sobre a menina ou vice e versa. Muitas práticas escolares deixam de respeitar as diferenças e as capacidades, e não respeitam o tempo de cada estudante de aprender. Sendo assim acabam generalizando os estudantes colocando-os como os que são capazes e os incapazes ou com dificuldades de aprendizagem.

Louro (2013, p.10), menciona que

para educadoras e educadores importa saber como se produzem os discursos que instituem diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente, como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui.

Cabe também aos educadores e educadoras compreender como as suas percepções de mundo e de educação influencia na formação do educando enquanto sujeito inserido em uma sociedade tão diversificada. Os educadores devem ter a compreensão de que a sociedade em que estamos inseridos não é inata, é constituída historicamente e consigo carrega preceitos que influenciam na maneira que as pessoas compreendem o mundo que os rodeia.

Acredita-se que não adianta de nada compreender todos os conceitos que norteiam as questões de gênero, quando, na prática continua-se reproduzindo os discursos constituídos em uma sociedade tradicional e carregam em si preconceitos e desrespeito as diferenças de gênero presentes em toda a sociedade.

O corpo se modifica de acordo com as interferências implicadas por nós mesmos. Segundo Louro (2013, p. 12) no campo educacional, muitas vezes, prefere-se ignorar as diferenças pois torna-se mais simples trabalhar com o que é considerado “normal e adequado” diante da sociedade do que debater diante de tantos conflitos e embates históricos sociais.

Torna-se viável também para o desenvolvimento das práticas dentro do ambiente escolar “derrubar” as barreiras entre as diferenças entre as pessoas, principalmente questões que se relacionam ao gênero e educação. Os professores têm o compromisso social de problematizar as questões de gênero para desmistificá-las e desconstruir preconceitos em que a sociedade impôs por meio do tempo.

Os estudantes no momento em que entram na escola não deixam de ser um cidadão inserido em um contexto social complexo e diversificado. Eles trazem para dentro das escolas experiências, vivências, conhecimentos que constituíram no meio familiar, social e cultural. Os mesmos trazem consigo uma carga de conhecimento que não devem ser ignorados no contexto da sala de aula, e sim trabalhados, problematizados e aprofundados pelos educadores.

Para que a relação entre as questões de gênero e a educação ocorra da melhor maneira possível é importante que a educação segundo Louro (2013), pare de tratar as questões de gênero e a diversidade dos sujeitos como um problema, e passe a compreendê-los como parte de uma sociedade em que a escola também está inserida.

O gênero é um conceito que está em constante movimento e por isso não deve ser tratado como estático pelos sujeitos que estão inseridos na sociedade. Dentro do ambiente escolar este conceito deve deixar de ser algo banal e se tornar algo comum pois as diferenças não estão somente inseridas na sociedade, mas também estão com maior frequência nos ambientes escolares.

### **3 CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA ESCOLA ESCOLHIDA PARA A PRÁTICA DE ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

O ambiente escolar a ser analisado é uma escola pública que trabalha com os anos iniciais do ensino fundamental e a educação infantil (maternal, pré A e pré B). A escola está localizada em na zona urbana de um município do Auto Uruguai –RS. De acordo com seu PPP (2016, p. 10), sua filosofia consiste em:

Proporcionar uma educação libertadora, crítica, consciente e popular. Tem como finalidade diminuir as desigualdades sociais integrando a escola com a comunidade, dentro dos princípios e valores humanos, visando o comprometimento com uma sociedade nova permitindo-lhe a autor realização.

Os objetivos da prática para o ensino fundamental é dar a devida importância a educação por meio do desejo, necessidade e prazer. A proposta ainda, defende a ideia de que o processo de construção do conhecimento pela criança não acontece de forma mecânica e cumulativa, mas sim pela formulação de hipóteses nas interações, trocas, debates, diálogos, coerência, cooperação não apenas verbalizada, mas praticada destacando a importância do outro na construção do conhecimento.

O foco da prática pedagógica é a leitura e a escrita, que são grandes facilitadoras do aprendizado em todas as áreas do conhecimento, dando seguimento ao trabalho realizado na educação Infantil. No nível de ensino fundamental, espera-se que o trabalho seja focado na prática do letramento.

A proposta pedagógica da escola elegida apoia-se na perspectiva sócia histórica e dialética, que possibilita à criança a interação, a vivência de novas experiências, favorecendo o diálogo, a discussão, o questionamento, a troca de diferentes saberes, fornecendo informações pedagógicas intencionadas e direcionadas à construção do conhecimento.

A turma em que se realizou a prática possui 13 estudantes com a idade entre 7 e 8 anos. A maior parte dos estudantes residem na zona rural e usam o transporte escolar cedido pelo município para chegar até a escola. Os professores que trabalham com a turma são formados em pedagogia e áreas afins. A professora titular da turma ministra português, matemática e ciências. Dentre as disciplinas a professora bi docente (professora auxiliar da professora titular da turma) trabalha as disciplinas de estudos sociais, ensino religioso e artes

com a turma. Nas terças-feiras os estudantes têm aula com outros professores pois os professores titulares têm o dia para realizar separado da sala de aula seu planejamento. Dessa forma, a turma tem aula de inglês, informática e educação física.

A turma que foi escolhida para ser analisada é a turma do segundo ano do ensino fundamental na qual foi realizado o estágio obrigatório do ensino fundamental do curso de pedagogia da UFFS – Campus Erechim. Desse modo, neste TCC será feito o estudo e análise do referencial teórico, análise do relatório da prática de estágio e análise do questionário entregue aos professores para obter respostas e posicionamentos referentes ao tema pesquisado.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A metodologia desse trabalho é de cunho qualitativo. Conta-se com o referencial teórico e a análise da intervenção de estágio no ensino fundamental feito pela acadêmica no semestre anterior a construção do TCC. A pesquisa qualitativa segundo Bardin (2010, p. 141):

[...] corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Este tipo de análise deve ser então utilizado nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis do locutor[...].

O tema deste trabalho refere-se ao estudo bibliográfico e de intervenção pedagógica, percebendo na teoria e na prática a presença do gênero ou a sua ausência nas atividades desenvolvidas por professores do ensino fundamental.

A teoria selecionada para esta pesquisa, foi escolhida devido a sua proximidade com o tema pesquisado. Trata-se sobre a relação entre as questões de gênero, a sociedade, a escola e a formação dos sujeitos que estão envolvidos nesse meio.

## 5 ANALISANDO A TEORIA NA PRÁTICA DE ESTÁGIO SOBRE A QUESTÃO DE GÊNERO E EDUCAÇÃO

A escolha da turma deu-se pela identificação com os professores e a classe. O regulamento da universidade – UFFS, Campus Erechim, é que ocorra três dias de observação. Mas por interesse da acadêmica fez-se um dia a mais, pois sentiu-se a necessidade de observar uma criança com deficiência incluída na turma e que não estava presente nos três dias de observação. Ela apresenta deficiência mental e outras deficiências associadas. Tem uma professora chamada: bi docente (auxiliar da professora titular da turma) para acompanhar a criança em todos os momentos e atividades realizadas. Depois da observação, ocorreu vinte dias de intervenção da acadêmica na turma, constituindo a etapa de estágio do ensino fundamental da graduação de pedagogia.

Dentre os professores da escola em que foi realizado o estágio, notou-se que a grande maioria eram mulheres. Na turma em questão, trabalhava um único professor que era quem ministrava as aulas de educação física. Dentre os estudantes da turma observada, a grande maioria eram meninos. Observando todos que trabalham na escola, indica-se dois homens trabalhando, o monitor e o professor de educação física e o restante mulheres.

Nos dias de observação verificou-se as atividades desenvolvidas pelos educadores da turma observada. Evidencia-se trabalhos como: a interpretação de texto e exercícios de fixação. Notou-se que a maioria dos professores dividiam meninos e meninas para realizar as tarefas. A separação e segregação na sociedade conforme a construção histórica e teórica deste trabalho, aponta que foi recorrente nos diversos setores da sociedade e também nos ambientes escolares.

Assim, Guedes e Souza (2016, p.123) propõe que:

O relaxamento das fronteiras entre o mundo produtivo (homens) e reprodutivo (mulheres) tem contribuído com a possibilidade de as mulheres participarem do mundo produtivo, mas não reveste o afastamento dos homens do mundo doméstico. Acontece que, através desse fenômeno o adensamento das mulheres nas fronteiras públicas não é acompanhado de uma revisão dos limites das responsabilidades privadas femininas. Isso significa que a esfera de reprodução da família como educação e demais cuidados continua, em grande medida, a cargo das mulheres.

A professora de inglês e o professor de educação física misturavam meninos e meninas e não faziam distinção de gênero nas atividades realizadas. As relações entre esses professores e as crianças em ambos os gêneros ocorreu de modo harmonioso e tranquilo. A diferença de

gênero entre eles, não era levado em conta nas atividades e tarefas executadas. A separação dos mesmos aconteceu em meio a diversidade, a mistura, a troca de experiências e atividades entre os mesmos. Percebe-se que ao trabalhar desta forma, a criança não tem contato, ou não se percebe diferente em relação a homens e mulheres nas atividades e na sua forma de ser, pensar e agir dentro da escola e na sociedade.

Foto 1 e 2: Disposição das crianças no pátio da escola



Fonte: Arquivo pessoal

Nas conversas paralelas das demais professoras da turma, observou-se que houve a comparação entre os gêneros quando principalmente falavam sobre o envolvimento de meninos e meninas no desenvolvimento das tarefas. A distinção entre os gêneros ocorreu de modo notável quando da observância sobre a formação de fileiras de meninos e fileiras de meninas de cada turma da escola. Isso ocorria quando os professores encaminhavam os estudantes para a sala de aula e em outros momentos de atividades no período letivo.

Foto 3 e 4: Fileiras dispostas no saguão antes da entrada dos alunos em sala de aula e no intervalo antes de retornar para a sala de aula.



Fonte: Arquivo pessoal

Percebe-se que os estudantes já estão acostumados com essa rotina pois desde o maternal em seu primeiro ano na escola já desembarcam de seus transportes e já colocam os seus materiais nas devidas fileiras que separam meninos de meninas. Posteriormente aproveitavam os espaços externos para brincar e interagir com os colegas com o acompanhamento da monitora do pátio e depois do sinal de início da aula, correm até seus lugares nas filas separadas.

Antes de iniciar o período da aula e no intervalo estão disponíveis atividades e jogos diversificados como: pingue-pongue, futebol, parque, pula corda, e um espaço amplo para que os estudantes possam realizar a atividade que tiverem interesse. Nestas atividades não há intervenção de professores e funcionários, e a relação entre meninos e meninas é definida pelos próprios estudantes.

Analisa-se que neste momento não há preocupação de divisão ou alguma distinção de gênero entre as crianças. Ou seja, percebe-se que os professores têm grande preocupação em separar, dividir meninos e meninas e nisso sugere-se a presença de alguns estereótipos, preconceitos de gênero e segregação que a própria sociedade impôs durante sua trajetória e construção da civilidade e normas de convivência. Segundo Dors et. al. (2012, p.4), “O gênero não é só uma questão biológica. É uma construção cultural e histórica. Diz respeito ao papel designado pela sociedade aos homens e as mulheres. As variantes desses padrões definidos são vistos como disfunções, distúrbios.”

O tema proposto para intervenção pedagógica no estágio era: **Cidadania – a criança ressignificando os espaços**. O objetivo da proposta de trabalho era propor aos estudantes o conhecimento da história do município em que residem buscando o reconhecimento dos estudantes como cidadãos, tentando compreender que eles têm seus direitos e também deveres no espaço em que estão inseridos e na relação com o outro. Desse modo, buscou-se construir um novo significado para o próprio espaço vivido diariamente. Desse modo, a análise foi possível neste trabalho de TCC, pois nessas atividades, conversas e observações feitas é possível observar a questão do gênero nas práticas escolares.

As dificuldades encontradas na execução do estágio foram frequentes, principalmente nas interferências dos professores quanto as atividades planejadas, como por exemplo, a tentativa de impor ideias sobre a incapacidade de interação e realização das propostas por parte da criança com deficiência e os estudantes considerados mais bagunceiros da turma. Os horários da escola foram também outro empecilho. Houve muitas atividades exigidas pela escola para que a turma realizasse como: ensaio da Festa Junina, ensaio para a apresentação da hora cívica, as quais atrapalharam significativamente o andamento e aplicação das

atividades propostas para o estágio. Na tentativa de impedir a continuidade da proposta de estágio, os professores colocavam suas posições, indagando e apontando os possíveis impedimentos e dificuldades dos estudantes para realizar as atividades. A justificativa dava-se por conta da incapacidade de aprender e concluir as atividades propostas.

Outro aspecto em relação as dificuldades enfrentadas foi a relação com os professores, sendo tensa e muito resistente diante das atividades e intervenção proposta. Outras atividades que estavam agendadas, como a aula de música no começo da tarde de toda segunda-feira, interferiu no tempo e atividades práticas que estavam previstas no planejamento do estágio. A criança que apresentava deficiência na turma, era vista como impossibilitada para fazer as atividades. Pela intervenção foram oferecidas atividades para a criança e a mesma realizou com grande satisfação e empenho. Percebeu-se que sua autoestima foi trabalhada ao propiciar seu envolvimento nas atividades.

Analisa-se que a questão de gênero e inclusão das pessoas com necessidades especiais, é um ponto de convergência, pois revela de certo modo a exclusão, a separação, o desleixo nas práticas pedagógicas para que se efetive a participação e inclusão dos mesmos. Esse fato, não acontece em todas as práticas escolares existentes, pois percebe-se que depende da concepção e prática individual de cada professor dentre outros fatores como a gestão e a cultura que está inserida a sociedade e o ambiente escolar. Segundo Hall apud Almeida et. al. (s.d.; p. 311):

O processo histórico da educação brasileira retrata uma realidade pautada em diferenças, discriminação e seletividade. A educação [...], contribui para manter as práticas reprodutoras de ideologias de um determinado grupo social. Esse fato se concretiza ao buscar contemplar os interesses das classes dominantes; quando ignora a realidade e necessidade dos outros indivíduos que estão emergindo nesse cenário; ao preferir ser omissa. [...] a educação perpetua as ideologias machistas e o processo discriminatório entre as pessoas, os quais sempre visualizaram a mulher como um ser incapaz de exercer funções de relevância social e política.

Durante o período de prática realizou-se intervenções que envolviam trabalhos no coletivo, em duplas, em grupos e individuais. Algumas vezes os professores tentavam intervir e não deixar que ocorresse a realização de acordo com o planejado pois não concordavam com as atividades que não fossem individuais. Percebe-se que na concepção dos professores os estudantes ao conversar entre si faziam barulho e atrapalhavam a aprendizagem dos colegas na sala de aula.

Os professores alegavam que os estudantes não poderiam conversar por conta da bagunça, mas na intervenção do estágio as atividades ocorreram de forma tranquila e os

alunos mesmo com atividades diferentes e conversas paralelas não excederam na voz ou na alteração do comportamento. Analisa-se que não houve extrapolação de regras e nada que fora do incomum para a rotina da turma na escola e o processo de ensino em sala de aula. Analisa-se o que fora comentado anteriormente por meio da vivência de estágio e pelos registros fotográficos a seguir.

Foto 5, 6, 7: Atividade baú dos livros, construção da mandala e maquete.



Fonte: Arquivo pessoal

No primeiro contato e nos primeiros dias de intervenção buscou-se conhecer o que eles sabiam sobre a sua cidade, o que eles compreendiam quando se falava em cidade, o que eles sabiam de como era a sua cidade na sua origem, como era o povo que morava ali, o que faziam e de onde vinham. Logo após a roda de conversa solicitou-se aos estudantes o que eles conheciam sobre localização. Posteriormente foram convidados a localizarem-se dentro da sala de aula usando o método que eles mais conheciam e utilizavam em seu dia a dia que é o de direita, esquerda, frente e atrás. Com isso foi construído o mapa da sala de aula.

Com o desenrolar das atividades foram trabalhados também a localização da sala de aula em relação a escola, da escola em relação a cidade e da cidade em relação com as outras cidades vizinhas. E aos poucos foram sendo problematizados e apresentados outros métodos que podem ser usados na hora de se localizar no espaço e no tempo como: mapas, rosa-dos-ventos, bússola, GPS, e drones. Dentre esses instrumentos estão inseridos alguns mais antigos e outros mais modernos. Alguns deles os estudantes desconheciam.

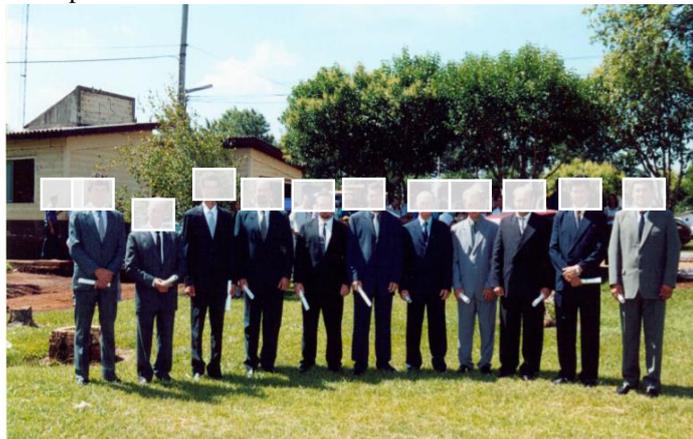
Foto 8: Pintura e finalização das mandalas



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi feito uma comparação das fotos antigas e atuais do município para introduzir os trabalhos em relação ao contexto histórico da cidade. Nas fotos apresentadas para a turma, estão os registros dos pontos principais do município, os primeiros empreendimentos comerciais e a exploração de madeira abundante na região. Percebe-se nessa busca de registro histórico, nitidamente a questão do gênero. Em praticamente todas as fotos antigas, a figura que predominou foi o homem. Na foto dos trabalhos desenvolvidos, principalmente nas repartições públicas e departamentos governamentais, a mulher não teve sua participação garantida ou a mostra nas fotografias.

Foto 9: Administração municipal totalmente masculina.



Fonte: Arquivo pessoal.

Um registro interessante para análise, ocorreu num empreendimento de serraria, onde os homens ficaram acima da carga de madeiras e algumas mulheres, que acredita-se serem suas respectivas esposas, logo abaixo.

Desde os primórdios de nossas civilizações as mulheres desempenhavam papéis inferiores aos homens. Os homens em sua grande maioria eram envolvidos nas organizações sociais e papéis decisivos da sociedade, recebendo remuneração pelos trabalhos realizados, enquanto que as mulheres desenvolviam tarefas de casa e cuidados com suas famílias definidas quase sempre pelos homens. A opressão quanto a posição das mulheres na sociedade não é um fato que criou-se na sociedade contemporânea em que vivemos. É algo que vem sendo constituindo e sustentado historicamente e se torna visível nas práticas e sociedade atual.

Foto 10: Protagonismo masculino no contexto social.



Fonte: Arquivo pessoal.

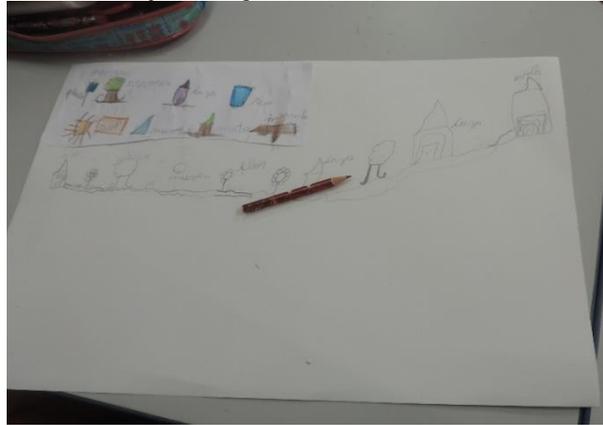
Na sequência dos dias de estágio, foram apresentados o espaço antigo da escola e das demais partes da cidade em sua origem e como era o seu redor para que posteriormente pudessem fazer a comparação de como era antes, durante e depois de sua emancipação, até os dias atuais. De acordo com o referencial teórico, nota-se que a presença do homem e da mulher mudou conforme o tempo histórico. Os registros e fatos analisados pela estagiária e alunos, evidencia a transformação, a diferença de lugares e pessoas.

No espaço escolar observado pelas crianças e estagiária, analisa-se que atualmente a presença da mulher na escola é maior do que a figura masculina. Verifica-se tal fato, seja na função de professora ou funcionária da escola. Também encontra-se em evidência cargos e funções pedagógicas e administrativas desempenhadas pelas mulheres na escola trabalhada.

Outra atividade proporcionada para a turma foi a construção do mapa do trajeto percorrido da escola até a casa de cada um. Neste mapa eles aprenderam a construir a legenda coletivamente em que eles indicaram o que cada imagem representava nesse trajeto. Todos se empolgaram na realização deste trabalho e muitos como percorrem o mesmo trajeto constantemente, auxiliaram um ao outro na realização da lista de coisas e lugares observados. Analisou-se que neste momento a turma não se sentiu constrangida e nem diferenciada pela

questão de gênero. Meninas e meninos participaram ativamente da atividade e auxiliaram a todos em todo momento.

Foto 11: Meu trajeto percorrido e construção da legenda.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em outro momento, foi realizado um passeio pela cidade em que eles elencaram características e os pontos principais no espaço urbano como: prédios públicos, comércios, bancos, dentre outros. Depois dessa atividade, foram entregues fotos aéreas da cidade para fazer a observação e comparação. Também foram disponibilizados alguns registros impressos de cidades grandes para que os estudantes elencassem as principais diferenças existentes.

Depois em duplas mistas os estudantes deveriam procurar imagens que representariam as consequências que as cidades grandes causam ao meio ambiente e ao ser humano. Nestas fotos o homem e a mulher estavam presentes. Suas funções e características não foram apontadas e nem observadas pela turma. Na procura pelas imagens as duplas tinham dificuldades de interagirem entre si. Nota-se que esse desajuste entre as duplas, ocorreu pelo fato de ser a primeira atividade que foram realizados em duplas mistas.

Entre meio a essas atividades foram realizados jogos e brincadeiras que trabalharam português, matemática e arte. Na maioria das vezes foram realizadas em dupla ou em grupos, como: baú do livro em que os estudantes escolhiam um livro de sua preferência e deveriam contar a história do livro. Esta atividade envolvia a todos os estudantes independentes de serem meninos ou meninas. Todos se envolveram na realização desta atividade de maneira significativa e relevante para a sua aprendizagem.

Na atividade denominada Mandala, os estudantes foram colocados em duplas na maioria mistas onde uma criança desenha nas costas do colega e o outro reproduz no mesmo momento o desenho no papel posto na parede. Posteriormente cada dupla apresentava aos seus colegas de sala os desenhos construídos.

Analisa-se que os estudantes realizaram a atividade de forma criativa e alguns alunos, principalmente meninos, tiveram dificuldades de tocar e interagir com seu colega, onde deveria desenhar sobre suas costas. Percebe-se que o constrangimento dava-se por tocar no corpo do colega. A timidez era evidente nesta aproximação corporal ou diferença de gênero masculino e feminino. No contexto social isso acontece pelo fato de que os meninos vêm sendo educado em uma cultura machista em que não podem tocar nem demonstrar seus sentimentos em relação ao sexo oposto.

Foto 12, 13: Construção da mandala e interação entre meninos e meninas.



Fonte: Arquivo pessoal

O Baú das sílabas foi realizado em grupos mistos, em que eles deveriam formar palavras que tinham a ver com a temática da aula. Inicialmente encontraram algumas dificuldades de interação, mas no decorrer da atividade eles começaram a ter uma integração e compreensão melhor da proposta. Nesta atividade os estudantes foram problematizados sobre o que cada uma das palavras formadas significavam e em que parte de seu cotidiano eles achavam que estavam presentes. Constatou-se que o aprendizado foi efetivo e a formação de grupos mistos foi importante para que pudessem perceber nas diferenças encontradas um jeito novo de aprender e interagir.

E por último foi realizado a construção de uma maquete usando materiais como isopor, erva, palitos de picolé, caixinhas de embalagens (remédios, sabonetes, cremes, etc.). A maquete foi construída com base no passeio e na análise de fotos da cidade antiga e atual. Na maquete construída com os estudantes não foram representados os homens e mulheres pois não teve interesse por parte dos estudantes. A problematização da organização social e político-administrativa do município, bem como a diferenciação do gênero foi feita pela professora estagiária.

Foto 14: Trabalho coletivo para a construção da maquete.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao finalizar a construção da maquete, o diálogo foi estabelecido com a turma e a partir desse surgiu a indicação dos alunos quanto a organização central do município em que residem. Percebeu-se que o comando masculino esteve presente fortemente no poder executivo e legislativo da administração municipal. Nas fotos e registros analisados a presença tem em sua maioria a figura de homens. As mulheres por sua vez estão presentes na sociedade como donas de lojas de departamentos, donas de casa, empregadas domésticas, atendente de loja, faxineira ou cozinheira.

As atividades desenvolvidas foram muito significativas para o aprendizado e desenvolvimento dos estudantes. Analisa-se que por meio das propostas e intervenção realizada, os estudantes conseguem se expressar com maior facilidade e desenvoltura pois de certo modo, perderam o receio de se colocar e falar o que pensam. E quanto aos conteúdos, a leitura e a escrita, conseguiram ampliar o seu vocabulário.

Foto 15: Disposição dos estudantes durante a prática de estágio.



Fonte: Arquivo pessoal.

Todos os estudantes, independente de gênero participaram ativamente do desenvolvimento das atividades que se deu nos dias de prática na escola. Foram oferecidas atividades diversificadas, proporcionando a aproximação e interação entre os gêneros. Algumas situações percebeu-se um afastamento ou receio entre os pares, principalmente pela aproximação e toque e também pela formação de fileiras. Essas ocorrências descritas revelam as práticas que se desenvolvem cotidianamente pelos professores com suas turmas.

O estranhamento com as novas condutas ocorreu pelo fato de os estudantes já estarem acostumados com a rotina e propostas desenvolvidas pelos professores e escola no seu dia a dia dentro e fora de sala de aula. Os estudantes já estão moldados ao currículo e atividades que integram o contexto da escola.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho proposto procurou estudar e analisar as reflexões de gênero e educação nas práticas pedagógicas do ensino fundamental e percebe-se que o tema em questão é pouco estudado e debatido dentro e fora da sala de aula. Historicamente os sujeitos são postos e enquadrados a normas e preconceitos dentro de uma sociedade segregatória e excludente.

Por mais que saibam da importância e da necessidade de se trabalhar com as questões de gênero dentro da escola, as práticas dos professores que são desenvolvidas em sala de aula que neste trabalho puderam ser observadas durante o estágio continuam reproduzindo preconceitos e discriminação diante das diferenças por conta do receio de coerção por parte das famílias dos estudantes e da sociedade em geral.

Diante de tal colocação percebeu-se a necessidade de estudar e fazer uma análise da teoria e prática dentro da escola no ensino fundamental. O interesse se dá por conta das diferenças e necessidades de abordar um tema tão amplo numa prática pedagógica que é deixado de lado ou até mesmo excluído das falas e práticas desenvolvidas em relação ao gênero e educação com os estudantes. Por meio da pesquisa pode-se concluir que há divergência entre o que é posto no referencial teórico e o que acontece nos espaços escolares em consonância com a percepção dos professores e suas práticas.

O preconceito quanto as questões de gênero que estão inseridos no ambiente escolar e na sociedade em geral estão constituídos historicamente e reproduzidos em vista de uma sociedade que segue valores de uma forma conservadora e que estão descontextualizadas da realidade vivida pelos sujeitos atualmente.

Sugere-se o cuidado e reflexão sobre o ensino que é oferecido para os estudantes por meio das práticas em sala de aula pois suas aprendizagens interferem na formação integral do sujeito. Deve-se repensar as práticas utilizadas em sala de aula para que não aconteça a reprodução de preconceitos de uma sociedade visivelmente desigual. É necessário que consiga-se formar sujeitos que reflitam sobre a sua própria realidade e consigam intervir sobre o mesmo. Espera-se que os conteúdos trabalhados devem estar contextualizados com a realidade dos sujeitos e os contextos sociais que eles estão inseridos. Pois os mesmos estudantes trazem os novos conhecimentos para o ambiente da sala de aula e levam para a vida pessoal e social o que aprenderam e construíram pelo conhecimento escolarizado.

Quando foram analisadas as práticas do estágio do ensino fundamental, percebeu-se o envolvimento mútuo de meninos e meninas no desenvolvimento das intervenções pedagógicas propostas para a classe. Independente das colocações iniciais dos professores quanto participação e envolvimento dos estudantes foi intensa e seu desenvolvimento aconteceu amplamente, pois cada um a seu modo de se envolver conseguiu desempenhar as atividades e aprender novos conhecimentos por meio de métodos talvez considerados inadequados para a alfabetização tradicional.

Quando se trata do desenvolvimento de atividades coletivas encontrou-se pequenas dificuldades inicialmente por se tratar de algo novo e diferente. Pois na maioria das atividades os estudantes deveriam interagir em grupos ou duplas mistas, algo que não acontecia com muita frequência nas atividades em sala de aula e com o regente da turma. Constatou-se com grande evidência a dificuldade de interação dos meninos com as meninas. Enquanto as meninas eram mais espontâneas, os meninos sentiam-se mais retraídos e envergonhados no momento necessário de interação com as meninas. Nota-se que esse fato, interliga-se com o contexto machista explicitado na construção teórica deste trabalho, onde o gênero masculino deve adquirir uma postura mais firme, sem demonstrar muitos sentimentos e relações afetivas. Esta formação está embasada em um contexto histórico em que meninos devem em sua maioria ser mais fortes que as meninas.

O que pode se perceber com a realização desta pesquisa é que mesmo os educadores tendo consciência da importância de trabalhar com as questões de gênero em sala de aula, alguns docentes persistem em práticas ultrapassadas e preconceituosas. Além da família, a escola tem principal influência na constituição dos sujeitos que estão envolvidos nesse espaço. Percebeu-se a dificuldade de se abordar estas questões que envolvem gênero pelo fato da escola estar inserida em uma sociedade segregadora e separatista. Além de que, as práticas que se desenvolvem nos ambientes escolares estão sendo aplicadas por professores mais velhos em que possuem uma visão de mundo muitas vezes diferente do que os estudantes convivem diariamente no ambiente social e escolar. E ainda, na escola predominam conceitos ultrapassados e descontextualizados com a realidade em que vivem os sujeitos que estão inseridos nesse meio.

Esta pesquisa traz um campo muito amplo para futuros estudos, pois ainda é um tema pouco abordado no âmbito acadêmico. Seria extremamente importante explorar este campo que é relevante para a desmistificação deste tema no ambiente social e também escolar e na

formação de sujeitos que não vão reproduzir os mesmos conceitos e possivelmente formar novos conceitos e preconceitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L., **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2010. (Parte 3 – p. 141)
- BRITZMAN, D.; “Curiosidade, sexualidade e currículo”. In. LOURO, G. L.; **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, 2001.
- BUTLER, J.; **Corpos educados que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”** In LOURO, G. L. (org). **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DORS, S. R. et.al. **Gênero e currículo: as questões de gênero no cotidiano da rede escolar pública do município de Bento Gonçalves – RS**. Anais do I Seminário diálogos sobre gênero e educação: observando percursos, socializando aprendizagens. Bento Gonçalves, 2012; p. 4.
- FRAGA, A. B.; **Corpo, identidade e bom-mocismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GUEDES, D. R., SOUZA, L. P. de; **A desigualdade sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. São Paulo, 2016. Acesso em: <[www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>
- HALL, S. apud ALMEIDA, M. P. de et. a l. **O desafio da docência no processo de construção da identidade de gênero**. Amapá – S.d., p. 311.
- LOURO, Guacira Lopes; **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LOURO; G. L., **Currículo, gênero e sexualidade — refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**; Porto Alegre.
- LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LOURO, G.L.; **O corpo educado – Pedagogia da sexualidade.** 2ª ed., Editora Autêntica; Belo Horizonte, 2000.

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO;** Escola Municipal de Ensino Fundamental Osório Duque Estrada. Cruzaltense, 2016.

SANT'ANNA; apud. LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade:** Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCOTT, J.; **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Editora e realidade. 1995, p. 72.

SILVA, M. de F. da R.; **Gênero e sexualidade: práticas pedagógicas na escola.** Monografia (Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas na escola). Universidade Estadual do Paraíba, Guarabira – PB, orientada pela professora Drª Vagda Gutemberg Gonçalves da Rocha, 2014, p. 16.

SILVA, M. de F. da R.; **Gênero e sexualidade: práticas pedagógicas na escola.** Monografia (Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas na escola). Universidade Estadual do Paraíba, Guarabira – PB, orientada pela professora Drª Vagda Gutemberg Gonçalves da Rocha, 2014, p. 43.